

Pandeiro que ganha um novo sotaque

Em seu novo CD, 'Dois mundos', Scott Feiner reforça a ponte jazz-MPB

Antônio Carlos Miguel

São muitas as pontes entre a música brasileira e a americana. O nova-iorquino Scott Feiner, de 40 anos, estende mais uma, no projeto Pandeiro Jazz, que chega ao seu segundo CD, "Dois mundos" — editado há um mês pela Biscoito Fino, terá seu show de lançamento nesta terça-feira, dia 2 de setembro, no Mistura Fina.

Gravado no estúdio da Biscoito Fino, ao lado de quatro jovens craques brasileiros — Jessé Sadoc (trompete), Marcelo Martins (saxofone), David Feldman (piano) e Alberto Continentino (baixo) —, curiosamente, ele soa mais jazzístico, e americano, do que o anterior, "Pandeiro jazz", de 2006 e feito com músicos dos EUA.

— Sentia falta de improviso, que, agora, está mais presente em "Dois mundos" — explica Feiner, que, apesar de tirar o pandeiro de sua função habitual, botando-o no lugar da bateria, numa formação jazzística, diz que o pioneirismo no instrumento de sua maior influência no instrumento. — Suzano já tinha

tirado o pandeiro do regional. Também me formei no regional e fui aceito nas rodas de samba e choro da Lapa, mas quis unir essas duas escolas.

Até então guitarrista de jazz, com dois discos lançados nos EUA — "Under the influence" (1993) e "Feiner's keepers" (1994) —, Feiner tinha uma carreira ascendente em Nova York, onde chegou a tocar com a atual estrela do piano Brad Mehldau. Mas, um bloqueio criativo afastou-o da guitarra na virada do século. Foram quase quatro anos sem tocar, até que o pandeiro entrou em sua vida.

Música de João Gilberto foi uma revelação

Antes, graças à insistência de um pianista italiano de seu grupo, descobriu João Gilberto e a música brasileira:

— Até então, bossa nova era algo que a gente tocava forçado, em festas de casamento, bar mitzvah... Em 1993, esse amigo me deu três CDs de João Gilberto, que foram uma revelação. Passei a ouvir tudo de bossa nova e MPB.

Diplomado de ouvido, falta-

va conhecer o Brasil *in loco*. Em 1999, passou oito dias entre Recife e Olinda, onde se encantou com o som de um pandeiro que ouviu com um garoto de rua, e três dias no Rio. Voltou para Nova York com um pandeiro comprado na Feira Hippie de Ipanema, e tentou domar o bicho.

— Nos EUA, temos o "tambourine", de formato similar, mas sem o couro; no Norte da África, há algo mais parecido, também usando couro, mas o pandeiro mesmo surgiu no Brasil — explica Feiner, que, hoje, mantém um site (www.pandeiro.com) no qual vende pandeiros e livros, CDs e DVDs sobre o instrumento.

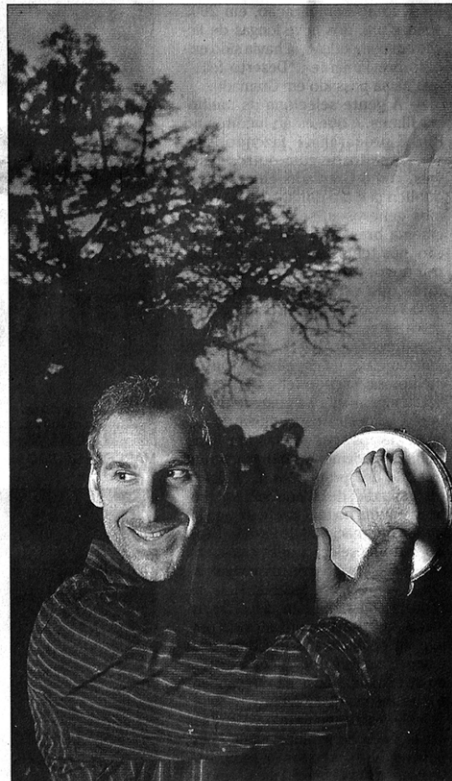
O aprendizado, no entanto, foi longo. Um amigo percussionista em Nova York alertou-o de que o pandeiro comprado no Rio era vagabundo e também apresentou Feiner ao disco "Olho de peixe", de Lenine e Marcos Suzano, que lhe abriu mais horizontes.

Após a primeira viagem exploratória, ele veio mais três vezes ao Brasil, até se radicar no Rio, em 2001. Passou a frequentar as rodas da Lapa, en-

quanto mantinha-se como *web designer* e professor de inglês — hoje, fala um "carloquês" quase sem sotaque, recheado de gírias locais e espertas. Até que, depois de muitos "deixa o gringo tocar", recebeu um telefonema para substituir um percussionista num show. Em meio a esses primeiros trabalhos, Feiner também filmou o documentário "Meu coração é um pandeiro" e gravou em Nova York "Pandeiro jazz", alterando no repertório *standards* e temas próprios.

Em "Dois mundos", assina cinco das nove faixas, completando o CD com dois clássicos americanos — "Monk's dream" e "All of you" — e dois brasileiros — "Asa branca" e "Retrato em branco e preto".

— Na Modern Sound, também vamos tocar uma música de meu terceiro CD, ainda inédito, que gravei em Nova York, "Accent" ("Sotaque") — diz Feiner, que tem ajudado a espalhar o sotaque brasileiro do pandeiro pelo mundo. — Mas, num de meus primeiros shows em Nova York, ouvi pessoas perguntando, "Ele só vai tocar aquele 'tambourine'?" ■



SCOTT FEINER: "Suzano já tinha tirado o pandeiro do regional"